



Uma “janela de escuta” em tempos de pandemia da COVID-19 em Icaraí, Niterói/RJ

A “listening window” in pandemic times for COVID-19 in Icaraí, Niterói/RJ

Una “ventana de escuta” en tiempos del pandemia por COVID-19 em Icaraí, Niterói/RJ

Recebido em 01/10/2020 Aceito em 17/04/2021

CARVALHO, Victória Ferreira Robadey¹

REGO, Andrea Queiroz²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, RJ, Brazil.

¹victoriafrobadey@gmail.com
ORCID: 0000-0003-4967-0294

²andrea.queiroz@fau.ufrj.br
ORCID: 0000-0002-3801-8017



Resumo

Esse artigo reflete sobre a paisagem sonora e a vitalidade urbana durante o período de isolamento social, decretado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, em virtude da pandemia da COVID-19. O objeto de pesquisa é a paisagem sonora escutada a partir de uma “janela de escuta” localizada numa quadra predominante residencial em Icaraí, na Cidade de Niterói (RJ). O objetivo é a identificação e o registro dessa paisagem sonora em tempos de pandemia e a relação que se pode estabelecer entre esta e a vitalidade nas ruas do entorno imediato durante esse período de isolamento, entre maio e junho de 2020. Os procedimentos adotados consideram a escuta e a experimentação cultural desses sons urbanos, numa abordagem qualitativa, fenomenológica e etnográfica, a partir da observação e escuta sistematizadas de uma das autoras. Num primeiro momento a escuta é feita no território primário da residência e num segundo momento no território público do entorno da quadra. Os resultados obtidos demonstram que a paisagem sonora é capaz de identificar a redução das atividades e fluxos de pessoas nessas ruas, permitindo que alguns sons ganhem destaque na “paisagem pandêmica” refletindo uma nova vitalidade urbana, mesmo que temporária, para aqueles que vivenciam e compartilham dessa experiência.

Palavras-Chave: paisagem sonora; vitalidade urbana; Pandemia da COVID-19

Abstract

This paper reflects on the soundscape and urban vitality during the period of social isolation, decreed by the government of the State of Rio de Janeiro, due to the pandemic of COVID-19. The object of research is the soundscape heard from a “listening window” located in a predominantly residential block in Icaraí, in the city of Niterói (RJ). The objective is to identify and record this soundscape in times of pandemic and the relationship that can be established between it and the vitality in the streets of the immediate surroundings during this period of isolation, between May and June 2020. The procedures adopted consider the listening and cultural experimentation of these urban sounds, in a qualitative, phenomenological and ethnographic approach, based on the systematic observation and listening of one of the authors. In the first moment, listening is done in the primary territory of the residence and in a second moment in the public territory surrounding the block. The results obtained demonstrate that the soundscape is able to identify the reduction of activities and flows of people on these streets, allowing some sounds to gain prominence in the “pandemic landscape” reflecting a new urban vitality, even if temporary, for those who experience and share of that experience.

Keywords: soundscape; urban vitality; COVID-19 pandemic

Resumen

Este artículo reflexiona sobre el paisaje sonoro y la vitalidad urbana durante el período de aislamiento social, decretado por el gobierno del Estado de Río de Janeiro, debido a la pandemia COVID-19. El objeto de investigación es el paisaje sonoro que se escucha desde una “ventana de escucha” ubicada en un bloque predominantemente residencial de Icaraí, en la ciudad de Niterói (RJ). El objetivo es identificar y registrar este paisaje sonoro en tiempos de pandemia y la relación que se puede establecer entre él y la vitalidad en las calles del entorno inmediato durante este período de aislamiento, entre mayo y junio de 2020. Los procedimientos adoptados consideran la escucha y experimentación cultural de estos sonidos urbanos, en un enfoque cualitativo, fenomenológico y etnográfico, basado en la observación y escucha sistemática de uno de los autores. En un primer momento, la escucha se realiza en el territorio primario de la residencia y en un segundo momento en el territorio público que rodea la cancha. Los resultados obtenidos demuestran que el paisaje sonoro es capaz de identificar la reducción de actividades y flujos de personas en estas calles, permitiendo que algunos sonidos ganen protagonismo en el “paisaje pandémico” reflejando una nueva vitalidad urbana, aunque sea temporal, para quienes experimentan y comparten de esa experiencia.

Palabras clave: paisaje sonoro; vitalidad urbana; Pandemia de COVID-19



1. Introdução

Este artigo se inclui na produção de uma pesquisa que se debruça sobre o estudo das paisagens sonoras urbanas há cerca de 10 anos e, de modo específico, faz parte da investigação de uma dissertação de mestrado sobre a paisagem sonora da orla da Baía de Guanabara em Niterói, com o objetivo de identificar as diferentes paisagens relacionadas, ou não, com seus diferentes bairros litorâneos.

Deste modo, com uma escuta já direcionada foi possível perceber uma transformação súbita na paisagem sonora de Icaraí, no início do isolamento social motivado pela pandemia da COVID-19, provocada pela mudança dos hábitos cotidianos e, também, pelas restrições impostas pelos decreto 13.644/2020 e sua alteração que dispôs “sobre novas medidas para o enfrentamento e combate da disseminação do coronavírus (COVID-19) no Município de Niterói”, determinando o fechamento dos estabelecimentos comerciais, exceto farmácias, postos de gasolina (sem o funcionamento de lojas de conveniência), supermercados/mercados/padarias (sem consumo de alimentos no local), hotéis e clínicas médicas, odontológicas e veterinárias.

Considerando o caráter cultural de uma paisagem sonora, tanto em sua produção quanto em sua escuta, as medidas definidas no Decreto, bem como, as próprias restrições sanitárias adotadas pelos moradores e usuários da área repercutiram em comportamentos que alteraram tanto os sons produzidos no espaço público quanto no espaço privado, como se objetiva demonstrar.

Recentemente, este campo de investigação tem avançado no Brasil de modo transdisciplinar entre os estudos culturais urbanos, geográficos, a musicais, e este artigo traz, de modo quase imediato, uma reflexão única e contemporânea, cujo título busca incorporar no termo “janela de escuta” a dimensão física – um vão e a dimensão temporal – um lapso de tempo. Busca assim, deixar um testemunho para o futuro, uma memória sonora da paisagem sonora de Icaraí nos tempos da COVID-19.

Não se trata, portanto de um estudo comparado, os sons de antes da pandemia e os sons da pandemia, pois se parte de um pressuposto de que a transformação da paisagem proporciona uma transformação da paisagem sonora, merecedora de estudo, pois esta faz parte da paisagem como um todo, objeto dos estudos culturais que segundo Macedo

[...] pode ser considerada como um produto e como um sistema. Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e de gestão de determinado território. Como um sistema, na medida em que a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá reação correspondente [...]. (MACEDO, 1999, p.11)

Assim, na pandemia presencia-se uma mudança de ocupação do espaço público, com a redução do fluxo veicular e fechamento de inúmeras atividades de comércio e serviço, e de mudança no comportamento das pessoas tanto no espaço público quanto no espaço privado. E, a partir dessa definição, pode-se afirmar que há uma alteração no sistema que resulta em um novo produto, no caso, uma nova paisagem sonora, isto é, “os sons presentes numa paisagem sonora não estão ali por acaso, eles são uma seleção feita pelos diversos grupos que ‘usam’ esse ambiente e, ali deixam a sua ‘marca’” (REGO, 2006, p.56).

Tais colocações reforçam e justificam a ideia de registrar esse momento único de isolamento social a partir dos sons presentes escutados em uma vizinhança residencial, local de moradia de uma das autoras, adotando uma abordagem qualitativa, fenomenológica e etnográfica da escuta.

Os sons adquirem significados quando os sujeitos os reconhecem através da escuta, pois dominam o mesmo código e a mesma linguagem, pertencendo a uma mesma cultura específica. Esses sons têm significados específicos quando os indivíduos compartilham da mesma compreensão, considerando-se semelhantes. (REGO, 2006, p.61)



Se os sons contribuem para a construção de paisagens, eles também contribuem para a demarcação de territórios, territórios esses que não correspondem aos construídos, visíveis ou mesmo pactuados. Altman (1975) identifica três níveis de territórios – primário, secundário e público. O primeiro é o território mais controlado, onde todos reconhecem seus limites, sendo a habitação o melhor exemplo. O segundo é o território da coletividade, onde alguns limites são previamente estabelecidos e reconhecidos, como por exemplo os espaços condominiais. O terceiro é o espaço do domínio público - a rua, o parque, por excelência. Aqui, neste trabalho, levou-se em consideração esses territórios como base da escuta adotando dois métodos distintos.

O primeiro procedimento adotado foi a “janela de escuta”, que permitiu estudar os sons que chegam ao território primário (janela de uma das autoras), sejam provenientes de outros territórios primários ou de territórios secundários, ou ainda públicos. Sons que podem ou não ser controlados com o fechamento (físico) da janela dependendo de sua intensidade, frequência ou caminho de propagação. Esses sons dão o testemunho de uma paisagem muitas vezes escutada mas não vista.

O segundo procedimento adotado foi a escuta no território público que permitiu a percepção dos sons produzidos neste ambiente que chegavam à “janela de escuta”, como também associá-los a vitalidade urbana durante este período, respeitando os horários permitidos pela Prefeitura para a circulação nas ruas.

[...] relatos sonoros acrescentam inúmeras informações e uma riqueza na percepção dos espaços urbanos, permitindo uma nova forma de ‘reler’ as cidades. Constata-se que, em geral, os sons são regidos pelo desenvolvimento econômico e tecnológico dos grupos sociais que os produzem, nas diferentes épocas, ao longo do tempo. E, ainda que, os sons de uma cidade possuem diferentes contemporaneidades, num mesmo espaço verificamos sons oriundos de várias épocas. (REGO, 2011, p.7)

A despeito da discussão sobre o conceito de vitalidade urbana já ter avançado muito nas últimas décadas, adota-se aqui o definido por Jacobs (1961) pois se trata de um conceito construído no mesmo âmbito metodológico da experimentação de um observador/morador, isto é, empírico, qualitativo e fenomenológico. Podemos dizer que a autora associa a vitalidade com a diversidade presente nos territórios públicos.

Esse princípio onipresente é a necessidade que as cidades têm de uma diversidade de usos mais complexa e densa, que propicie entre eles uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social. Os componentes dessa diversidade podem diferir muito, mas devem complementar-se concretamente. Acho que as zonas urbanas malsucedidas são as que carecem desse tipo de sustentação mútua complexa e que a ciência do planejamento urbano e a arte do desenho urbano, na vida real e em cidades reais, devem tornar-se a ciência e a arte de catalisar e nutrir essas relações funcionais densas. Pelas evidências de que disponho, concluo que existem quatro condições primordiais para gerar diversidade nas grandes cidades e que o planejamento urbano, por meio da indução deliberada dessas quatro condições, pode estimular a vitalidade urbana. (JACOBS, 2011, p.11)

Deste modo, ao término da pesquisa foi possível estabelecer, com base nesses conceitos, que a partir da escuta da paisagem sonora durante a pandemia da COVID-19 foi possível identificar uma forma distinta de vitalidade urbana no Bairro de Icaraí na Cidade de Niterói, RJ.

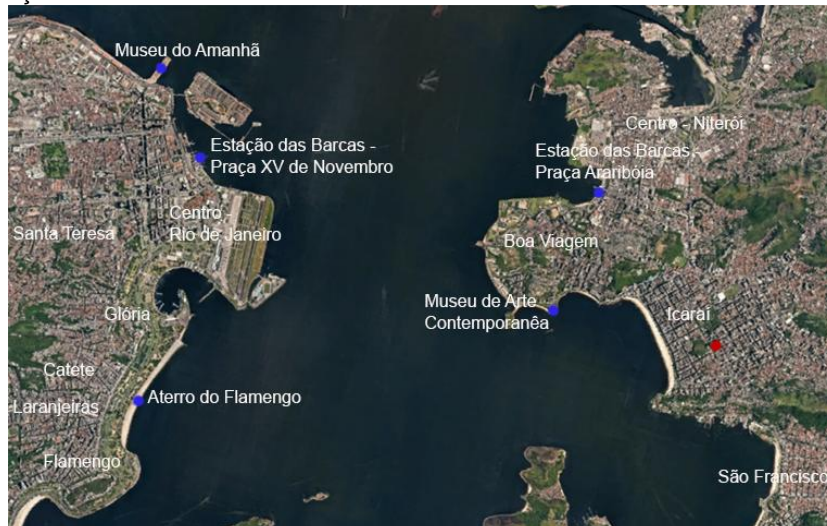
Enquanto não se compreender os sons urbanos como uma representação cultural, seus significados e sua importância na identificação dos diferentes ambientes das cidades não serão entendidos e, conseqüentemente, não serão “explorados” como elementos capazes de qualificar os projetos urbanos. (REGO, 2013, p.111)

2. A Janela de Escuta

2.1. Procedimentos e descrição dos ambientes sonoros

A “Janela de Escuta” se localiza geograficamente na zona sul de Niterói, no Bairro de Icaraí (Figura 01), área densamente ocupada, predominantemente pelo uso residencial, mas também com expressividade comercial e de serviços.

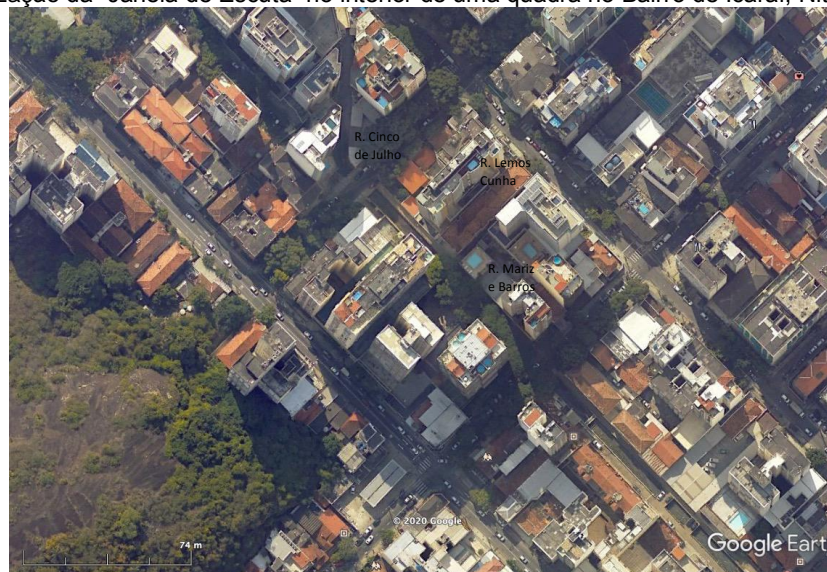
Figura 01: Localização de Icaraí em Niterói e da “Janela de Escuta” em vermelho.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras sobre o Google Earth, 2020

A janela está voltada para o interior de uma quadra, no 14º pavimento de um edifício de uso misto, residencial com comércio no pavimento térreo. Está localizada de forma que olhando para a direita, pode ser vista a Rua Mariz e Barros, olhando para frente a Rua Lemos Cunha e olhando para a esquerda a Rua Cinco de Julho (Figura 02). Essas ruas são secundárias e fazem parte da paisagem cotidiana da autora. Elas fazem a ligação entre a Avenida Roberto Silveira, muito utilizada para as pessoas que vão para a Cidade do Rio de Janeiro, e a Rua Gavião Peixoto, onde passam muitos ônibus municipais e intermunicipais, e onde concentra grande parte do comércio de Icaraí.

Figura 02: Localização da “Janela de Escuta” no interior de uma quadra no Bairro de Icaraí, Niterói, RJ.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras sobre o Google Earth, 2020

Durante o mês de maio de 2020 foram feitos registros diários (gravações) durante os diferentes horários do dia e da noite das paisagens sonoras escutadas por esta Janela. As gravações foram acompanhadas por registros textuais constituídos por:

- descrições sonoras da paisagem pela pesquisadora, incluindo a periodicidade de ocorrência, o período de ocorrência e a sensação causada;
- fragmentos sonoros;
- eventos sonoros;
- grupos sonoros;
- ambientes sonoros.

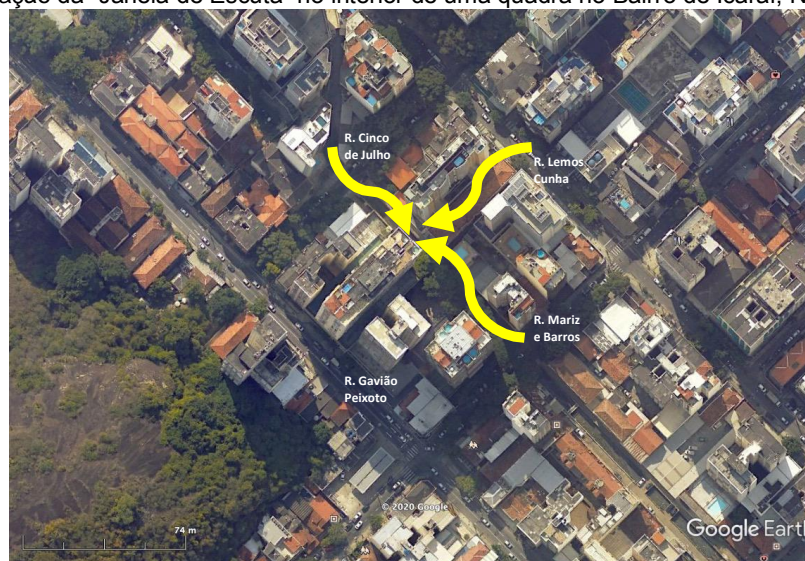
Tais critérios foram definidos por Rego (2011)

Descrição sonora é o trecho literário que contém informações sobre certo som ou conjuntos de sons que são escutados em um ambiente urbano, isto é preserva-se a contextualização na documentação. Fragmentos sonoros são os sons sem a contextualização. Eventos sonoros são tipos de sons recorrentes e grupos sonoros são grandes categorias de eventos. Tanto eventos quanto grupos são entidades abertas que podem ser acrescidos de novos à medida que a pesquisa é desenvolvida. Ambientes são os locais da origem do som. (REGO, 2011, p.4)

Neste artigo os grupos sonoros, também baseados em Rego (2011) “alarme, animais, edificação, entretenimento, explosão, homem, manifestação popular, máquina-ferramenta, música, natureza, silêncio, telecomunicação e transporte”, foram redefinidos, a partir dos trabalhos desenvolvidos na Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura, como: comunicação não verbal, animais, objetos, manifestação popular (cultural, política, religiosa), explosão, humano, máquina-ferramenta, música, água, fogo, ar, silêncio, ruído (sons de natureza e percepção indeterminada), telecomunicação e transporte.

Os ambientes sonoros foram considerados de três naturezas distintas: (1) produtores dos sons provenientes de territórios primários – outras unidades residenciais do mesmo edifício ou de edificações vizinhas; (2) produtores dos sons provenientes de territórios secundários – de áreas condominiais; e (3) produtores dos sons provenientes de território público – ruas Mariz e Barros, Lemos Cunha, Cinco de Julho e Gavião Peixoto. Estes últimos sons - do território público têm três principais caminhos de propagação: (1) pelo corredor criado sobre o Canal do Rio Icaraí, sons das ruas Mariz e Barros e Cinco de Julho; (2) por cima da edificação n.355 da Rua Lemos Cunha e (3) pelo corredor criado entre a edificação vizinha e o edifício da “Janela de Escuta” que permite a recepção dos sons da Rua Gavião Peixoto (Figura 03).

Figura 03: Localização da “Janela de Escuta” no interior de uma quadra no Bairro de Icaraí, Niterói, RJ.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras sobre o Google Earth, 2020

Os caminhos de propagação sonora direta dos territórios públicos podem ser percebidos nas visadas da janela (Figura 04), aqueles que permitem a visualização das ruas Mariz e Barros, Lemos Cunha e Cinco de Julho. A Rua Gavião Peixoto não é visualizada e os sons nela produzidos chegam pelas reflexões no caminho entre edificações, por esta razão não foi incluída no passeio sonoro comentado.

Figura 04: Vistas da “Janela de Escuta” – à esquerda Rua Cinco de Julho, no centro Rua Lemos Cunha e à direita Rua Mariz e Barros.



Fonte: Autora, 2020

Todos os sons quando percebidos foram capturados em gravações por 3 minutos ou pelo tempo de sua duração, contudo alguns sons de repentina ocorrência foram apenas descritos e registrados em tabela. Durante a escuta, a pesquisadora buscou posicionar visualmente a origem dos sons, mas muitas vezes isso não foi possível.

2.2. Registro e documentação da paisagem sonora no território primário

Neste item são apresentados de modo sintético (Tabela 1) os sons escutados através da “Janela”, destacando que nem todos foram possíveis de localizar. Apresentamos, a título de exemplificação, duas descrições sonoras, uma vez que não caberia aqui, a inclusão de todas elas.

Descrição sonora 1: “Novamente escuto pessoas conversando e rindo em duas das varandas do edifício vizinho. Eles estão jantando ao “ar livre”. Ouço alguns pequenos sons que podem ser dos talheres, louças e copos e, de repente, ouço um grito de criança”.

Descrição sonora 2: “Grande criatividade das crianças! Futebol na varanda. Time pequeno (3) mas riem e gritam bastante”.

Tabela 1: “Janela de Escuta” - Documentação da paisagem sonora.

Fragmento Sonoro	Evento Sonoro	Grupo Sonoro	Ambiente Sonoro
Obra com furadeira e serra	Furadeira	Máquinas-ferramentas	Território Primário
Música no aparelho de som na varanda	Música	Música	Território Primário
Gritos em protestos políticos	Gritos	Manifestação cultural	Território Primário
Cachorros latindo	Latidos	Animais	Território Primário
Pessoas almoçando/jantando na varanda	Talheres e louças	Objeto	Território Primário
Pessoas almoçando/jantando na varanda	Conversas	Humano	Território Primário
Pessoas conversando e rindo	Conversas e risadas	Humano	Território Primário
Pessoas se exercitando nas varandas	Passos e Gritos	Humano	Território Primário
Criança gritando	Grito	Humano	Território Primário
Crianças brincando nas varandas	Brincadeiras infantis	Humano	Território Primário



Crianças rindo	Brincadeiras infantis	Humano	Território Primário
Crianças jogando futebol na varanda	Brincadeiras infantis	Humano	Território Primário
Crianças brincando no playground	Brincadeiras infantis	Humano	Território Secundário
Pessoas correndo no playground	Passos	Humano	Território Secundário
Babá brincando com o bebê no playground	Brincadeiras infantis	Humano	Território Secundário
Canto dos pássaros	Pássaros	Animais	Território Público
Carro anunciando a venda de pamonha/camarão/ovo	Alto falante comercial	Manifestação cultural	Território Público
Freada de motos	Moto	Transporte	Território Público
Freada de ônibus	Ônibus	Transporte	Território Público
Buzina de carros	Buzina	Comunicação não verbal	Território Público

Fonte: Autoras, 2020

2.3. Análise da paisagem sonora no território primário

Os sons escutados são bem variados, e alguns aconteciam com certa frequência em horário quase determinado, como as crianças brincando de manhã nas varandas, as pessoas almoçando e jantando, o som de furadeiras e serras em algumas obras. Já outros sons eram mais inconstantes, como as manifestações políticas, os cachorros latindo e o som do motor das motos.

A maioria dos sons ouvidos na janela é proveniente de ambientes privados – território primário, e próximos em relação ao posicionamento da “janela de escuta”.

Verifica-se, na Tabela 1, que predominaram os sons provenientes dos territórios primários, destacadamente, os sons das novas formas de apropriações das varandas do edifício vizinho, enquanto espaços vivos de lazer e convivência na busca por atividades “ao ar livre”, tanto por crianças, predominantemente, no período da manhã, quanto por adultos no final da tarde e noite. Não raro, também, se pode verificar os almoços nas varandas, principalmente, nos finais de semana.

Alguns sons que podem ser atribuídos aos territórios primários são mais difíceis de serem identificados, como a obra e os gritos de protesto.

Poucos são os sons provenientes dos territórios secundários, no caso, o uso dos PUC - Pavimentos de Uso Comum, por parte de alguns adultos em busca de exercício ou crianças brincando.

Alguns sons dos territórios públicos ganharam destaque durante o período da pesquisa. O som fundamental da manhã e do final da tarde, aquele som presente, constante e de fundo, foi o canto dos pássaros. Ônibus, carros e motos trafegando nas ruas ganharam destaque pois passaram a ser escutados de modo identificável, como uma fonte única em movimento.

O marco sonoro é o som dos carros anunciando a venda de alimentos - ovo, camarão, pamonha, entre outros, com os alto-falantes, principalmente, à tarde.

3. Os passeios sonoros comentados

3.1. Procedimentos e descrição dos ambientes sonoros

O segundo procedimento foi o passeio sonoro comentado dos percursos realizados ao redor da quadra, em horários permitidos pela Prefeitura, registrando os sons escutados nos territórios públicos por meio de gravações e descrições, observando, os mesmos critérios adotados na “janela de escuta”.

Esses passeios sonoros comentados tiveram como objetivo principal a escuta dos sons produzidos nas ruas, estabelecendo assim critérios de comparação entre os sons escutados na “Janela” supostamente



identificados como originários no território público e aqueles, de fato, constatados durante os passeios realizados.

Para tanto, os passeios foram realizados durante o horário permitido de 6 horas às 9 horas da manhã durante a semana, horário definido pela prefeitura de Niterói para as pessoas poderem frequentar a rua, quando necessário, entre os dias 18 de junho e 22 de junho. As gravações têm duração de 3 minutos e foram feitas com o gravador de um celular Iphone, em função da impossibilidade de acesso aos equipamentos no laboratório de pesquisa da universidade.

O passeio sonoro foi um método de registro da paisagem sonora desenvolvido por Truax onde os indicadores qualitativos se sobrepõem aos quantitativos.

Um melhor indicador do caráter das qualidades do ambiente pode ser derivado de contagens de sons tomadas em locais selecionados em horas representativas do dia, ou durante um 'passeio sonoro' em torno de uma determinada área. Cada som (ou grupo de sons se constituírem um único evento perceptivo) é anotado e classificado de acordo com fontes padrão, por exemplo, fontes humanas, tráfego (motorizado e não motorizado), sons naturais, sons mecânicos, som eletroacústico e assim por diante. Além disso, sons originados dentro do definido e que se intrometam nele de fora são notados para indicar o equilíbrio entre os sons nativos locais e as intrusões não locais. Tanto as quantidades quanto as proporções de tais sons são bons indicadores do caráter da paisagem sonora (e os obter é um bom exercício de escuta!) (TRUAX, 2001, p.72)

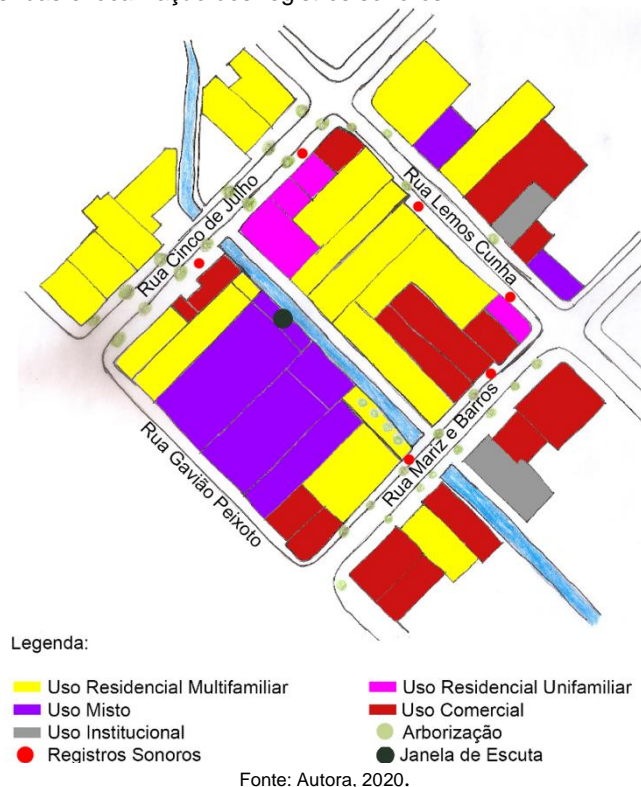
Já o percurso comentado de Thibaud (2002) é uma abordagem também qualitativa que registra o ambiente de modo etnográfico abrangendo as percepções sensoriais, sonoras, lumínicas, olfativas e térmicas, isto é, aquele que caminha descreve sua própria experiência no caminhar, neste caso, a própria pesquisadora, uma das autoras.

Neste trabalho foi adotado de modo adaptado o passeio sonoro comentado utilizado por Simili (2017) que se constitui em uma reinterpretação conjunta de dois métodos – o passeio sonoro de Truax e o percurso comentado de Thibaud.

À medida que a testemunha sonora desenvolvia o PSC, iniciado no INES, ela narrava em Libras suas impressões, que era traduzida oralmente para o Português pelo intérprete, sendo essa narrativa registrada através de um gravador de áudio. Essa gravação permitiu ainda que fossem captados os demais sons do ambiente urbano no trajeto, de forma que pudessem ser posteriormente analisados qualitativamente. (SIMILI e REGO, 2020, p.17 e 18)

A adaptação foi feita com o objetivo de que uma única pessoa realizasse o passeio sonoro que com os procedimentos usuais é feito por pelo menos dois pesquisadores em campo – um realizando as gravações e as medições e o outro realizando as anotações, relatos e fotos. Assim, o percurso era iniciado com a gravação de ao menos 3 minutos, seguido de gravações com os comentários, sem o uso de registros textuais.

O percurso considerou apenas o campo de propagação direta, isto é, as ruas Mariz e Barros e Cinco de Julho, tendo o Canal do Rio Icaraí como limite, e a Rua Lemos Cunha. Também foi feito um levantamento de uso e ocupação do solo do entorno imediato da quadra (Figura 05). O percurso apesar de contínuo, na verdade, foi definido por três trechos distintos, correspondentes a cada uma das ruas, as quais possuem características bastante distintas.

Figura 05: Setorização das ruas e localização dos registros sonoros

O trecho da Rua Cinco de Julho (Figura 06) apresenta alguns edifícios residenciais com gabarito até 4 pavimentos, também conta com algumas casas, com edifícios multifamiliares com gabarito acima de 4 pavimentos, com um galpão, próximo ao Rio Icaraí, onde comerciantes de algumas feiras do Campo de São Bento, guardam seus produtos e suas barracas. Há também uma lavanderia, uma petshop e, próximo à esquina com a Rua Lemos Cunha, há um espaço de co-working.

Sobre a questão de percepção visual, o canal do Rio Icaraí que corta esse trecho da Rua Cinco de Julho é uma referência urbana na paisagem. Todos os edifícios são gradeados, impedem o acesso físico de todos, porém permitindo a visada para os quintais e para a portaria dos edifícios. Essas grades permitem também que os sons produzidos nesses espaços privados (territórios secundários ou primários) possam ser ouvidos na rua. A rua é bem arborizada, porém com pouca iluminação artificial, mas bem iluminada naturalmente, alguns trechos da calçada estão quebrados ou precisando de manutenção devido à raiz das árvores.

A rua durante o dia permanecia vazia, exceto pela presença de um ponto de ônibus que atrai a movimentação mesmo durante o isolamento social. A noite é uma rua deserta e mal iluminada. Na figura 03, pode-se ver a sobre a quantidade de árvores, o rio Icaraí, os usos e a localização dos registros sonoros.

No segundo trecho do percurso, na Rua Lemos Cunha (Figura 07), há o predomínio do uso residencial exclusivo com algumas edificações de uso misto, isto é, térreo comercial e torre residencial. Há uma padaria e uma borracharia, considerados serviços essenciais durante o isolamento social, que permaneceram abertos durante o período de isolamento social, e conseqüentemente atraem pessoas para a rua. Além da padaria e da borracharia, há uma academia, uma loja de tapetes e a Defensoria Pública da União.

Esta rua, não é rota de nenhuma linha de ônibus, e por isso é considerada mais tranquila do que as demais analisadas no percurso, em relação aos sons.

A arborização, ao contrário do trecho anterior, é bem escassa, porém é bem iluminada naturalmente e artificialmente. Todos os prédios são gradeados, o que facilita a visão do interior das edificações, com jardins bem arborizados próximos à portaria, e a escuta dos sons produzidos neste espaço privado. A rua tem as calçadas conservadas e limpas, mas há pessoas em situação de rua dormindo nas calçadas.

Figura 06: Fotos da rua Cinco de Julho – à esquerda a intensa arborização e o piso irregular, no centro o canal do Rio Icaraí e à direita as grades demarcando o limite entre o espaço público e o privado



Fonte: Autora, 2020

Figura 07: Fotos da Rua Lemos Cunha – à esquerda a padaria no térreo de um edifício residencial, no centro, a entrada da academia, e à direita a oficina na esquina com a rua Mariz e Barros. A arborização é de médio porte e as calçadas são irregulares.



Fonte: Autora, 2020

O último trecho do percurso, a Rua Mariz e Barros (Figura 08), quando comparado com os demais, é o mais movimentado, por ter um comércio mais variado e por ser rota de ônibus municipais e intermunicipais. Essa Rua tem usos variados, com alguns edifícios residenciais, uma casa lotérica, restaurantes, bares, padaria, pizzaria, loja de decoração, autoescola e uma creche comunitária que funciona com a ajuda do Colégio São Vicente de Paulo. A rua é bem arborizada, bem iluminada e conservada.

Figura 08: Fotos da rua Mariz e Barros – à esquerda a arborização e os edifícios residenciais; no centro a creche comunitária e uma autoescola próximos ao rio Icaraí, ao lado do rio, existe um caminho que liga a rua Mariz e Barros com a Rua Cinco de Julho; e à direita edificações de uso comercial exclusivo.



Fonte: Autora, 2020

3.2. Registro e documentação da paisagem sonora no território público

Os passeios sonoros comentados foram realizados em três momentos: no dia 18 de julho de 2020 às 9 horas da manhã, no dia 19 de junho de 2020 às 9:40h da manhã e no dia 22 de julho de 2020 às 8:30h da manhã.

No primeiro dia foram realizadas as gravações do primeiro trecho do percurso – a Rua Mariz e Barros, com dois pontos de gravações e comentários – pontos 1 e 2. No segundo dia foram realizadas as gravações do segundo trecho do percurso – a Rua Lemos Cunho, com dois pontos de gravações e comentários – pontos 3 e 4. No terceiro dia foram realizadas as gravações do terceiro trecho do percurso – a Rua Cinco de Julho, com dois pontos de gravações e comentários – pontos 5 e 6. Em cada ponto os registros tiveram duração de no mínimo 3 minutos.

No ponto 1, se ouve o som de muitos carros, ônibus e moto, pássaros cantando, pessoas varrendo as folhas do quintal, cachorros latindo, pessoas falando no celular. Pode-se concluir, que o primeiro trecho tem uma paisagem sonora, muito influenciada pelo tráfego de veículos presentes na Rua Gavião Peixoto e entram na Rua Cinco de Julho.

O ponto 2 já não é influenciado tanto pelo tráfego da Rua Gavião Peixoto o que permite escutas mais “delicadas” como pessoas varrendo as folhas das árvores, pessoas conversando e cuidando de seus quintais, mesmo que pontuado pelas buzinas dos carros e a passagem de motos e ônibus.

No ponto 3 ouve-se uma música vindo da borracharia, pássaros cantando, mas se percebe a influência do som dos carros da Rua Mariz e Barros, pessoas passeando com seus cachorros. Por fim, o que se pode observar é que mesmo tendo poucas árvores nesta rua, o som do canto dos pássaros é o evento sonoro que mais se destaca.

No ponto 4 ouve-se nitidamente o som dos pássaros, de carros e motos passando e alguns buzinando, pessoas andando na rua, nessa rua havia um caminhão descarregando produtos da padaria onde se ouvia o motor do caminhão, pessoas saindo dos edifícios e o portão batendo.

No ponto 5, por estar próximo de um sinal de trânsito, localizado no cruzamento com a Rua Lemos Cunha, ouve-se o motor e o freio dos carros parando no sinal, alguns cachorros latindo, o canto dos pássaros, pessoas conversando e uma pessoa batendo as chaves enquanto caminha.

O ponto 6 está localizado próximo ao canal do Rio Icaraí, onde se ouve carros e ônibus pela influência do tráfego na Rua Gavião Peixoto, mesmo assim, pode-se destacar o som dos pássaros, uma pessoa varrendo as folhas na rua, pessoas conversando e o portão do edifício batendo quando alguém sai.

Tabela 2: Percurso sonoro comentado - Documentação da paisagem sonora.

Fragmento Sonoro	Evento Sonoro	Grupo Sonoro	Ambiente Sonoro
Pessoas conversando	Conversas	Humano	Mariz e Barros
Pessoas varrendo as folhas do chão	Vassoura	Objeto	Mariz e Barros e Cinco de Julho
Portão do edifício fechando	Portão	Objeto	Mariz e Barros e Lemos Cunha
Som de chaves batendo	Chaves	Objeto	Rua Mariz e Barros
Cachorros latindo	Latidos	Animais	Mariz e Barros, Lemos Cunha e Cinco de Julho
Pássaros cantando	Pássaros	Animais	Ruas Cinco de Julho, Lemos Cunha e Mariz e Barros
Motor de carros, ônibus e motos	Motor	Transporte	Mariz e Barros e Cinco de Julho
Pessoas andando na rua	Passos	Humano	Lemos Cunha
Motor do caminhão	Motor	Transporte	Lemos Cunha
Música tocando na borracharia	Aparelho de som	Música	Lemos Cunha
Buzina de carros e motos	Buzina	Comunicação não verbal	Lemos Cunha e Cinco de Julho
Pessoas falando no celular	Conversas	Humano	Rua Cinco de Julho
Pessoas trabalhando no galpão	Conversas	Humano	Rua Cinco de Julho

Fonte: Autora, 2020

3.3. Análise da paisagem sonora no território público

A partir da Tabela 02, que sintetizou as informações dos percursos sonoros comentados, pode-se observar que os sons do tráfego, a princípio predominantes nas zonas urbanas mais densas, foram suplantados pelos sons humanos e dos animais nesse momento da pandemia da COVID-19.

Alguns desses sons também foram escutados no procedimento anterior – “janela de escuta”, como o som de pássaros e da buzina dos carros, entretanto, os sons mais “delicados”, de menor intensidade não são possíveis de escuta.

Na Rua Cinco de Julho em função das grades é possível ouvir e entender melhor os sons produzidos no interior dos lotes, ao invés do que ocorre na Rua Lemos Cunha com a predominância dos muros que impedem a escuta.

A intensa arborização nas ruas Mariz e Barros e Cinco de Julho propicia a presença dos pássaros e os cantos que, do mesmo modo como foi percebido no procedimento anterior, se apresenta como o som fundamental no período da manhã.

A padaria e a borracharia, por ter serviços essenciais, criam um ambiente sonoro a parte, com a concentração de pessoas falando, passos e a segunda de modo especial, com a música tocada no seu interior que pode ser escutada no território público.

4. Considerações Finais

A pesquisa foi capaz de demonstrar uma paisagem sonora onde predominam os sons humanos. Se a vitalidade urbana é fruto da diversidade de atividades e de atores urbanos presentes no espaço



público, ela também deveria estar associada com a potencialidade desses atores serem escutados. Assim, com a redução do fluxo veicular, a paisagem sonora da pandemia da COVID-19, trouxe ao Bairro de Icaraí, mais especificamente nesta quadra, esta possibilidade. Logo podemos entender, que talvez não haja uma redução da vitalidade urbana, mas uma transformação na sua percepção.

Verificou-se uma riqueza nas apropriações das varandas, concebidas originalmente como espaços de convívio, mas muitas vezes negligenciadas como depósitos, lavanderias, local para condensadoras de ar etc, que trouxe uma nova paisagem sonora no interior da quadra. Sons do lazer, do exercício, da brincadeira, daqueles que passaram a utilizar mais intensamente essas áreas abertas para o descanso, leitura, ou somente para um banho de sol, uma vez que o acesso aos espaços livres públicos se tornou agora restrito ou reduzido.

O som dos pássaros e dos cachorros se destacam nessa paisagem cotidiana com a diminuição do tráfego veicular. O canto dos pássaros se tornou o som de fundo, o som fundamental de todas as manhãs e entardeceres. No interior da quadra, o som do território público é suplantado pelos sons dos territórios primários e secundários e o mesmo se verificou nos passeios sonoros. Esta paisagem sonora, mesmo que efêmera nos aponta algumas possibilidades de novas experimentações do espaço urbano, que puderam ser registradas para análises futuras voltadas ao planejamento das cidades.

Por fim, constata-se que as paisagens sonoras são capazes de identificar com grande precisão as dinâmicas urbanas.

5. Referências

ALTMAN, Irwin. The environment and social behavior: privacy, personal space territoriality and crowding. Monterrey, CA: Brooks/Cole, 1975.

JACOBS. Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MACEDO. Silvio S. Quadro do paisagismo no Brasil. São Paulo: Quapá, 1999.

NITERÓI. Decreto nº 13.521/2020, de 21 de março de 2020. DISPÕE SOBRE NOVAS MEDIDAS PARA O ENFRENTAMENTO E COMBATE DA DISSEMINAÇÃO DO CORONAVÍRUS (COVID-19) NO MUNICÍPIO DE NITERÓI E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. Legislação Municipal de Niterói, Niterói, p. 1-2, 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/n/niteroi/decreto/2020/1352/13521/decreto-n-13521-2020-dispoe-sobre-novas-medidas-para-o-enfrentamento-e-combate-da-disseminacao-do-coronavirus-covid-19-no-municipio-de-niteroi-e-da-outras-providencias> . Acesso em: 28 ago. 2020.

NITERÓI. Decreto nº 13.644/2020, de 20 de junho de 2020. INSTITUI O PLANO DE TRANSIÇÃO GRADUAL PARA O NOVO NORMAL - DISTANCIAMENTO RESPONSÁVEL PARA FINS DE PREVENÇÃO E DE ENFRENTAMENTO À EPIDEMIA CAUSADA PELO NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19) NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE NITERÓI. Legislação Municipal de Niterói, Niterói, p. 1-2, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/n/niteroi/decreto/2020/1364/13644/decreto-n-13644-2020-> . Acesso em: 25 ago. 2020.

NITERÓI. Decreto nº 13.717/2020, de 31 de agosto de 2020. DISPÕE SOBRE A PRORROGAÇÃO ATÉ O DIA 30 DE SETEMBRO DE 2020 DAS MEDIDAS RESTRITIVAS DE ISOLAMENTO SOCIAL PARA REDUÇÃO DA TRANSMISSÃO DO CORONAVÍRUS, CONSOLIDA AS MEDIDAS RESTRITIVAS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/n/niteroi/decreto/2020/1372/13717/decreto-n-13717-2020-dispoe-sobre-a-prorrogacao-ate-o-dia-30-de-setembro-de-2020-das-medidas-restritivas-de-isolamento-social-para-reducao-da-transmissao-do-coronavirus-consolida-as-medidas-restritivas-e-da-outras-providencias> . Acesso em: 10 set. 2020.



REGO, Andrea Queiroz. Paisagens Sonoras e Identidades Urbanas: Os sons nas crônicas cariocas e as transformações do bairro de Copacabana (1905 - 1968). Orientador: Professora Dr^a. Margareth da Silva Pereira. 2006. 301 f. Tese (Doutorado PROURB) - Doutorado, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Os sons como elementos de qualificação do ambiente – Uma metodologia de registro e armazenagem. Búzios: Anais do XI ENCAC Encontro Nacional de Conforto do Ambiente Construído e do VII ELACAC Encontro Latino Americano de Conforto do Ambiente Construído, 2011.

_____. Uma abordagem sobre a formação do campo da acústica. Campinas: Oculum Ensaios, v.10, n.1, 2013.

SIMILI, Juliana e REGO, Andrea Queiroz. Passeio Sonoro Comentado: metodologia de identificação da paisagem sonora representada por pessoas surda. Campinas: Oculum Ensaios, v.17, 2020.

SIMILI, Juliana. Paisagem Sonora Além da Audição Representações Sonoras Urbanas das Pessoas Surdas. Orientador: Professora Dr^a Andrea Queiroz Rego. 2017. 283 f. Tese (Doutorado PROARQ) – Doutorado, Rio de Janeiro, 2017.

TRUAX, Barry. Acoustic Communication. Westport: Ablex, 2001.

Victória Ferreira Robadey Carvalho

Arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2017. Atualmente, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2020. Atuou como apoio técnico FAPERJ de 2018 até 2020. Tem experiência com projetos de interiores residenciais e comerciais.

Contribuição de coautoria: fundamentação teórico-conceitual e problematização e pesquisa de dados e análise estatística.

Andrea Queiroz da Silva Fonseca Rego

Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU-UFRJ (2018-2022). Professora Associada do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente (DPUR-FAU-UFRJ). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, PROARQ-UFRJ, onde atuou como Coordenadora Adjunta de Pesquisa (2015-2017) e Vice-Coordenadora (2014-2015). Conselheira Titular do Conselho de Ensino de Graduação, CEG-UFRJ (2016-2019). Diretora Adjunta de Graduação, FAU-UFRJ (2014-2018) e membro do Núcleo Docente Estruturante (2012-2018).

Contribuição de coautoria: fundamentação teórico-conceitual e problematização; revisão do texto.

Como citar: CARVALHO, V. F.R., REGO, A.Q.. Uma “janela sonora” em tempos de pandemia da COVID-19 em Icaraí, Niterói/RJ. Revista Paranoá. n.29. Jan/jun de 2021. DOI: <http://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n29.2021.08>

Editores: Daniel Richard Sant’Ana e Caio Frederico e Silva